

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

CARTAS DE MARTINS SARMENTO AO PROFESSOR PEREIRA CALDAS.

(sem indicação de autor)

Ano: 1925 | Número: 35

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Cartas de Martins Sarmiento ao professor Pereira Caldas.
Revista de Guimarães, 35 (2) Abr.-Jun. 1925, p. 77-80.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

CARTAS DE MARTINS SARMENTO
AO PROFESSOR PEREIRA CALDAS

Guimarães, 30 d'Outubro de 1876.

Ex.^{mo} Sñr.

Quero acreditar que os nossos archeologos acudirão ao convite de V. Ex.^a. Para mim é tambem de fé que esta "conferencia" deve dar excellentes resultados e estimular grandemente os estudos archeologicos. Faça V. Ex.^a o que possa para mover o Herculano. A presença d'elle não só imporia, mas seria bastante para arrastar com elle alguns outros que talvez supponham que descerão dos seus altos cothurnos, vindo exhibir a sua sciencia entre os "gallegos".

Tive d'escrever a um dos redactores do "Commercio do Porto" e lembrei-lhe a utilidade de commentar a correspondencia que de Braga lhe remetteram.

O Holstein está enthusiasmado e, alem dos convidados que V. Ex.^a nomeou, lembrava o Estacio da Veiga.

Já que se falla na Citania e nos "preparativos" para a conferencia, deixe-me V. Ex.^a lembrar duas cousas que me parecem importantes. Vae estudar-se nas ruinas o que está descoberto, mas para o explorador é cousa muito proveitosa estudar tambem o que se hade continuar a descobrir. Um cemiterio, ou equivalente, seria um achado do maior alcance. Tenho-me matado de balde atraz da necropole que ha de existir em algures. Estes pontos, é certo, não se resolvem *á priori*, mas resolvem-se ás vezes determinando a posição de necropoles d'outras ruinas já exploradas. Se V. Ex.^a tiver algumas historias destas descobertas

e poder fixar uma orientação tal qual, e convidar os seus amigos a estudarem esta materia, para mim era summamente proveitoso. Quantos livros e memorias tenho pedido que me possam esclarecer este problema ficam todos para as kalendas gregas. O Simão Rodrigues, mencionando as ruínas de Toull, que elle suppõe identicas ás da Citania, falla da descripção destas ruinas no 5.º vol. das «Memorias do Instituto Nacional de Paris». Provavelmente esta citação é de 2.ª mão. Na biblioteca de Braga decerto não ha a obra. O Soromenho disse-me que um amigo d'elle gastou bons contos de reis em excavações no paiz de Galles. Mandeilhe perguntar se o seu amigo tinha alguma memoria dos seus trabalhos, e, no caso affirmativo, qual era o titulo da obra, para a mandar vir; mas não tive resposta até hoje. V. Ex.ª comprehende bem por que eu insisto neste ponto: uma necropole, e ainda para mais tão sumida como parece estar a da Citania, deve ser um thesouro de antigualhas e dar jorros de luz. A Britannia com as suas Citanias (por que as «Cyttian y Guyddelad = cazas dos Gails» para mim são uma e a mesma cousa que as nossas citanias) deve ter optimos trabalhos archeologicos, mas não os conheço e alguns que conheço, como as obras de Bateman, Wilson e outros estão encantadas, pelo menos para os nossos livreiros. Desespera esta penuria de recursos.

O segundo ponto é estudar o local, onde esteve a «Pedra Formosa». A pedra veio para o adro de Santo Estevam em 1718 — diz o Crasbeeck, que escreveu a sua Memoria em 1725. Estava ella *«da parte do nascente em uma cova... posta ao alto»*. O Bispo d'Uranopolis, informador d'Argote, que interrogou os velhos dos arredores da Citania, diz que estava para a *«parte do sul»*. As informações do Bispo foram dadas antes de 1734, pois que esta data é a da publicação das Memorias d'Argote. Ha menos de 16 que a pedra tinha sido mudada da Citania e portanto os «velhos» de Briteiros deviam conhecer bem o local que ella occupára primitivamente. Seria util conhecer bem a Memoria de Crasbeeck (que eu só conheço por um extracto) e saber o credito que elle merece para decidir entre a opinião do corregedor e do bispo. Talvez aquelle declare na sua memoria se visitou, ou

não, o sitio, ou se fez obra por informações de terceiro. Eu desconfio do homem. "...e esta (pedra) parece ser a pedra chamada Ara de Therma, de que Brito falla" etc. Eu não encontro em Brito cousa que se pareça com isto (e desejaria saber se V. Ex.^a é mais feliz) e creio que ha aqui confusão com a chamada "Ara de Nerva" das Caldas das Taipas. Sendo assim o corregedor é pouco digno de credito e anda a misturar alhos com bugalhos. A "cova ao nascente" existe ainda hoje, porem é impossivel que a pedra ahi estivesse e muito menos "ao alto". Esta cova — pretendido caminho subterraneo, por onde os citanenses levavam os cavallos a beber ao Ave (cavallaria na citania!) é uma especie de mina aberta n'uma caza circular na direcção do Ave, é verdade, mas que não tem mais de 15 metros d'extensão e 1 1/2 de diametro. Ao sul, segundo alguns antigos, havia outra cova, atulhada quando se fez a capela nova de S. Romão. Era decerto a mesmá, onde o bispo diz que havia antigamente arcos subterraneos, etc. Tudo isto me faz inclinar para a opinião do bispo. Toda a importancia destas investigações está em determinar o local da pedra e marcar as excavações que possam tirar a limpo se a pedra pertencia ou não a um Templo, como suspeitavam os "velhos" do mesmo passado. As que fiz até hoje foram muito superficiaes, por ficarem fora do plano que seguiam.

De V. Ex.^a

att.^o e ven.^{or}

F. Martins Sarmiento.

Guimarães, 26-2-78.

Ex.^{mo} Sñr.

O Dr. Augusto Mendes Simões manda-me pedir de Coimbra uma nota de todos os artigos que se tem escripto acerca da Citania, nome e n.^o do jornal, e

nome do auctor, bem como d'algum escripto avulso. Não estou no caso de o satisfazer, porque, alem de se ter guardado os jornaes que os signatarios dos artigos se lembraram d'enviar-me, esses mesmos desappareceram-me em parte não sei como. V. Ex.^a decerto me pode accudir nesta desgraça e, fazendo-o, muito obsequia quem é

De V. Ex.^a

am.^o att.^o e obg.^o

F. Martins Sarmiento.

Guimarães, 7-3-78.

Ex.^{mo} Sñr.

Escrevi, ha dias a V. Ex.^a, pedindo-lhe um favor impertinente. A demora na resposta de V. Ex.^a e a experiencia que tenho da promptidão com que V. Ex.^a attende aos pedidos que lhe fazem, deixa-me suspeitar que a minha carta não chegou ao seu destino. Repito pois o contheudo della. Mandaram-me pedir de Coimbra uma nota dos artigos que até hoje se teem escripto acerca da Citania, especificando o titulo e n.^o do jornal, bem como o nome dos auctores dos escriptos. A collecção que tenho é extremamente incompleta, tanto porque alguns dos jornaes nem me vieram parar á mão, como porque alguns dos que recebi se extraviaram na lufa-lufa do ano passado. Lembrou-me que V. Ex.^a talvez tivesse nota de toda essa collecção e era isso que eu pedia com instancia, para poder satisfazer cabalmente ao que me encommendaram.

Se V. Ex.^a, por qualquer motivo, não poder dar-se a esse trabalho, obsequia-me avisando-me disso mesmo. Com estima

De V. Ex.^a

att.^o ven.^{or} e obg.^o

F. Martins Sarmiento.